

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DULCELENE APARECIDA LORENZETTI DIAS

**MEMORIAL: DA ALFABETIZAÇÃO AO CURSO DE PEDAGOGIA EAD**  
**HISTÓRIA DOS METODOS DE ALFABETIZAÇÃO**  
**A CARTILHA CAMINHO SUAWE**

DULCELENE APARECIDA LORENZETTI DIAS

**MEMORIAL: DA ALFABEITIZAÇÃO AO CURSO DE PEDAGOGIA EAD**  
**HISTÓRIA DOS METODOS DE ALFABETIZAÇÃO**  
**A CARTILHA CAMINHO SUAWE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Faculdade de Ciências Integradas da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Título de licenciatura de Pedagogia.

**Orientador:** Prof<sup>o</sup>. Dr. Sauloéber Társo de Souza

UBERLÂNDIA, 2021

Dulcelene Aparecida Lorenzetti Dias

MEMORIAL: DA ALFABETIZAÇÃO AO CURSO DE PEDAGOGIA EAD  
HISTÓRIA MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO  
A CARTILHA CAMINHO SUAWE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Universidade Federal de Uberlândia, como  
requisito parcial para obtenção do Título de  
Licenciatura em Pedagogia

Uberlândia, 2 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Saulóeber Tarsio de Souza (orientador)

---

Profa. Dra. Carla Cristina J. Silva

---

Profa. Dra. Isaura Melo Franco

## SUMARIO

1) INTRODUÇÃO.....	5
2) MEMORIAL DESCRITIVO – HISTÓRIA FAMILIAR.....	7
2.1) Período escolar.....	10
2.2) Experiencia profissional.....	14
2.3) Motivos que me levaram a escolher o curso de Pedagogia.....	17
2.4) Reflexão sobre minha atuação no curso: avanços e progressos .....	17
2.5) O que me motiva a trabalhar nesta área .....	18
2.6) Aspectos a destacar e aprofundar .....	18
2.7) Desafios encontrados durante o curso .....	18
2.8) Diferentes temas discutidos no processo de formação.....	18
3) METODOS DE ALFABETIZAÇÃO – A HISTÓRIA DAS CARTILHAS .....	19
3.1) A Cartilha Caminho Suave .....	24
3.2) Branca Alves Lima.....	27
4) CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31
5)REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	32

## RESUMO

O presente trabalho trata-se em um primeiro momento de um Memorial descritivo, na qual conto minha história de vida. Nascida na cidade de Monte Aprazível interior de São Paulo e filha do lavrador Odécio Lorenzetti e da dona de casa Leucilia Benedita da Silva Lorenzetti, vivi grande parte da minha infância e adolescência em Monte Aprazível e estudei dos 6 aos 14 anos na EEPG Raul Vieira Luz. O meu processo de aprendizagem, que teve início com a minha primeira série e o método foi o denominado método sintético analítico através da Cartilha Caminho Suave. Trazendo a luz o conceito de Cartilha, parto para a definição etimológica do dicionário Houaiss onde etimologicamente cartilha significa um pequeno caderno que contém as letras do alfabeto e os primeiros rudimentos para aprender a ler. A partir do início da vida escolar sigo contando como foi todo meu processo de aprendizagem, as dificuldades que tive, o trabalho desde a minha infância e adolescência, os incentivos familiares para que nunca abandonasse meus sonhos até a chegada na Universidade. O motivo de ter escolhido o curso de Pedagogia, o porquê de uma modalidade a distância, e todos os desafios encontrados na minha vida acadêmica. A segunda parte do trabalho é desenvolvida junto com minha amiga de curso e de profissão Amanda Dias Morello. Nessa segunda parte trabalhamos com maior profundidade sobre o conceito da Cartilha e sua história, e a história do método de alfabetização sintético analítico (misto) na qual mistura imagem a letra a ser aprendida muito difundido através da Cartilha “Caminho Suave” a qual fui alfabetizada. Contaremos um pouco da Bibliografia de Branca Alves de Lima idealizadora da Caminho Suave, e um pouco do que esta educadora representou entre os anos 1948 até meados da década de 90, na educação brasileira.

Palavras-chaves: História da Alfabetização; História das Cartilhas; Caminho Suave.

## Abstract

The presente work is, at first, a descriptive Memorial, in which I tell my story, Born in a small city named Monte Aprazível in the state of São Paulo and daughter of a farmer called Odécio Lorenzetti and housewife called Leucilia Benedita da Silva Lorenzetti, I lived most of my childhood and Youth in Monte Aprazível and studied from 6 to 14 at “EEPG Raul Vieira Luz”. My learning process, which began with my first grade, and the method was the so-called synthetic analytical method through the “Caminho Suave” spelling book. Bringing to light the concept of spelling book, I go to the etymological definition of the Houaiss dictionary where etymologically spelling book means a small notebook containing the letters of the alphabet and the first rudiments to learn how to read. From the beginning of my school life onwards, I continue to tell about my entire learning process, the difficulties I had, the work since my childhood and Youth, the Family incentives so that I would never abandon my Dreams until I arrive at the University. The reason for choosing the Pedagogy course, why it is a distance learning modality, and all the challenges found in my academic life. The second part of the work was developed together with my friend Amanda Dias Morello. In this second part, we work in greater depth on the concept of the spelling book and its history, and the history of the analytical (mixed) synthetic literacy method in which is mixed image widespread through the “Caminho Suave” and a little of what this educator represented between the 1948 and the mid – 1990s Brazilian education.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho a princípio trata-se de um memorial descritivo. Trazendo a memória a importância da narrativa, pois esta possui características próprias e é usada como método investigativo sempre carregada de significados (CUNHA, 1997, p.185).

Assim, a primeira parte deste trabalho faço uso dessa poderosa ferramenta investigativa para através dela contar a história de minha vida, desde o nascimento, detalhando o percurso percorrido até o momento em que escolhi o tema para escrever este trabalho.

O tema escolhido está diretamente ligado à minha ~~língua~~ vida, e intimamente ligado ao método pela qual fui alfabetizada. Durante o percurso percorrido o fato mais marcante em minha vida foi o contato com a “Cartilha Caminho Suave” o livro usado para me ensinar a ler e escrever, que através de um método que estabelecia uma relação entre a primeira sílaba de determinada palavra a um desenho que a representava.

Durante a caminhada de minha vida sempre anseie por este momento de uma formação universitária isso me impulsionou, a vencer os medos e angústias que um curso EAD nos traz, pois exige do aluno uma maior disciplina, fui construindo no decorrer de minha formação uma intimidade com as ferramentas tecnológicas que me davam muito medo, desenvolvendo um modo crítico de pensar e ver a Educação em nosso país.

A segunda parte é feita em conjunto com a aluna Amanda Dias Morello, colega de curso e de profissão.

Nesta segunda parte nos aprofundamos na história das cartilhas, sabendo que as pesquisas sobre o ponto de vista histórico das cartilhas no Brasil são recentes e escassas, mesmo sabendo que as Cartilhas estiveram sempre muito presente na alfabetização em nosso país.

Partindo dos estudos de (MACIEL,2002, p. 149) onde ela toma como conceito de cartilha a definição de Houaiss (2001) em que etimologicamente Cartilha = Carta + ilha e determina *pequeno caderno que contém as letras do alfabeto e os primeiros rudimentos para aprender a ler; carta do abc.*

Podemos citar que em nosso país essas cartas do ABC eram escritas por professores alfabetizadores e recebiam um incentivo governamental a fim de uniformizar o ensino.

Pela dificuldade em se produzir cartilhas essencialmente brasileiras as primeiras cartilhas a chegarem no Brasil vieram de Portugal.

Sequencialmente nos aprofundamos na história das cartilhas sendo que em 1870 é desenvolvido o método BACADAFÁ, por Antônio Pinheiro de Aguiar, detalhamos a história de algumas cartilhas brasileiras, até chegarmos à Cartilha “Caminho Suave”, um grande sucesso editorial que foi adotada em nosso país desde 1948 até meados dos anos 90.

Com seu método de alfabetização sintético analítico foi responsável pela alfabetização da maior parte da população escolar da época.

Seguindo nesta linha de raciocínio contamos como Branca Alves de Lima, baseada em sua experiência como educadora, cria um método de alfabetização que envolve um “desenho chave” a uma sílaba ou palavra a ser aprendida, e como esse método em pouco tempo tornou-se um sucesso editorial e foi adotado pela maior parte dos estados da federação.

## 2. História familiar

Nasci em 1975, no dia 19 de dezembro, em Monte Aprazível cidade típica do interior do estado de São Paulo.



Figura 01 – Centro de Monte Aprazível-SP

Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&url=http%3A%2F%2Fwww.camaramonteaprazivel.sp.gov.br>  
Acesso em outubro de 2021.

Localizada na região noroeste do estado de São Paulo a 490 km da capital, Monte Aprazível, foi fundada pelo Capitão Porfírio de Alcantara Pimentel no dia 1 de julho de 1898 e firmou-se como município no dia 10 de março de 1925, já em 1927 foi dada como comarca. Era considerada uma das maiores comarca do Estado de São Paulo, pois abrangia desde São José do Rio Preto até a cidade de Pereira Barreto, na divisa com o estado do Mato Grosso.

Monte Aprazível, até os dias de hoje não oferece a população muitas opções de emprego pois apesar de ter uma usina de álcool e açúcar, não dá conta de empregar a maioria da população ativa. Assim continua sendo considerada uma típica cidade do interior paulista onde a maioria da população sobrevive ainda da agricultura e comércio que é bem pequeno. Por ser uma cidade que não se desenvolveu muito durante os anos



e pela proximidade de São José do Rio Preto é considerada uma cidade dormitório, pois a maioria da população ativa busca emprego em cidades vizinhas.

As pessoas mais antigas da cidade contavam que Monte Aprazível não se desenvolveu por causa que a linha férrea passou a alguns quilômetros de distância da cidade, no caso o distrito de Engenheiro Balduino.

Em meu período de alfabetização que teve início no começo da década de 80 não possuía creches, e contava com 3 escolas denominadas de primeiro grau, e uma escola, de segundo grau que oferecia também o curso de magistério. Hoje possui creches em quase todos os bairros e as escolas que em minha época de estudante eram estaduais, passaram a ser municipais, sendo que 3 oferecem o ensino fundamental e somente uma que oferece o ensino médio.

Depois de descrever um pouco sobre a cidade em que nasci entro de fato na minha história familiar. Meu pai, o senhor Odécio Lorenzetti, era um lavrador e um dos filhos mais novo de uma família com sete irmãos, sendo que ele e mais três irmãos eram resultado do segundo casamento de minha avó, uma italiana típica vinda da região da Calabria.

Os irmãos mais velhos de meu pai achavam ele e mais 3 irmãos eram ilegítimos. Com isso quem tomava todas as decisões sobre a família era meu tio mais velho chamado Ernesto. Este meu tio obrigava os outros irmãos a aceitarem as decisões tomadas por ele, assim obrigou minha avó a vender um sítio na cidade de Magda também interior de São Paulo e migrarem para Monte Aprazível.

Meu pai obrigado a viver na cidade, e a adaptar-se à nova realidade passou a trabalhar na construção civil como servente de pedreiro. Através de familiares em comum conheceu minha mãe, a senhora Leucilia, namoraram por um período e logo depois minha mãe engravidou. Meu pai ciente da responsabilidade “fugiu” com minha mãe e logo depois e casou-se com ela.

Tiveram uma filha antes de mim Eliana, que veio a falecer com apenas seis meses de vida por complicações de uma bronquite, isso marcou muito a vida de meus pais. Quando eu nasci em 1975 período da ditadura militar, ainda criança tive também uma complicação pulmonar meu pai se desesperou pela experiência anterior com minha irmã mais velha, lembro-me de como contava que para conseguir auxílio médico

recorreu a um radialista conhecido na cidade, que o encaminhou ao Hospital de Base de São José de Rio Preto cidade vizinha a Monte Aprazível.

Lembro-me com bastante nostalgia da minha infância, que apesar de ser marcada pela dificuldade financeira, considero um período feliz da minha vida. A princípio o que me vem a memória é a casa que morávamos na rua Noel Rosa. Muitos dos nossos familiares moravam nessa rua. Meus tios com seus filhos, na casa da frente, minha avó materna, que morava uma casa depois da minha, uma outra tia que morava do outro lado da rua, sem contar meu tio e minha avó paterna que moravam na mesma casa que nós. Desta casa além que de todos morarem perto lembro-me bem pouco. As ruas eram de terra, e de vez em quando os caminhões da prefeitura despejavam um monte de terra em frente minha casa, lembro da minha tia Matilde dando papinha de feijão com batata para minha prima caçula e eu querendo comer também, lembro do dia em que tomando guaraná caí com o copo na mão e cortei meu braço, minha avó gritava sem parar do outro lado da cerca “corre com essa menina para o hospital”.

Lembro-me de brincar na rua juto com a “primaiada” de subir e descer os montes de terra vermelha. Sobre a casa que morávamos foi comprada com o que coube a minha avó na venda do sítio de Magda, tinha quatro cômodos e foi dividida ao meio em dois cômodos morávamos eu, meu pai, minha mãe, minha avó materna, e nos outros dois cômodos meu tio irmão mais novo de meu pai, sua esposa e mais cinco filhos.

Quando eu tinha quatro anos meu pai e meu tio venderam esta casa, repartiram o dinheiro e deram entrada em um lote de um loteamento novo na cidade. Meu tio era pedreiro meu pai servente, então os dois se juntaram e construíram as duas casas, sempre um ajudando o outro. Um fato engraçado é que os tijolos foram fixados com barro mesmo, pois ninguém tinha condição de comprar cimento, as madeiras foram achadas pela cidade. Sobre a infraestrutura, as janelas e as portas eram feitas de tabuas e trancadas com tramelas, o chão era de terra mesmo, tinha uma única torneira, não existia rede de esgoto então tínhamos a chamada “casinha” para fazer nossas necessidades, a iluminação a noite ficava por conta da lamparina.

Por se tratar de um loteamento novo tinha pouquíssimas casas. Além da nossa e da do meu tio tinha mais duas. Minha avó continuou morando conosco assim a casa de meu pai foi dividida novamente, a qual os dois cômodos da frente ficaram para nós e os do fundo para minha avó.

Por ter poucas casas logo passamos a conhecer toda vizinhança. Atrás da rua da minha casa tinha uma mata onde a gente ia brincar nos cipós, um pouco mais adiante tinha um rio onde aprendi pescar, o mais legal de tudo isso era que quando chovia eu ficava brincando na chuva e na enxurrada. O problema é que sempre depois da chuva a rua ficava cheia de buracos.

Foi neste período que minha mãe engravidou do meu irmão. A gravidez da minha mãe não foi tão alegre, pois, coincidiu com um acidente que meu pai sofreu no trabalho, acidente esse que o deixou quase cego, obrigando-o a usar óculos com 15 graus para que pusesse enxergar.

O acidente sofrido por meu pai marcou profundamente nossa vida, pois devido a ele e as sequelas que deixou os empregadores já não queriam mais meu pai para trabalhar, com isso passávamos as vezes meses sem dinheiro algum.

Antes que completasse um ano de vida meu irmão foi morar com minha avó materna na cidade de São José do Rio Preto, meu pai quase não conseguia trabalho por conta da pouca visão, e quando conseguia sempre tinha que viajar, e ficava quinze ou vinte dias fora de casa, assim vivemos por um período.

Com sete anos meu irmão retorna a nossa casa, fato que tivemos que nos adaptar pois a comida que as vezes era escassa precisava ser dividida com mais uma pessoa. Assim nossa vida foi seguindo, com muita dificuldade, mas não deixávamos isso tomar conta de nós, e apesar de tudo isso meu desenvolvimento foi muito bom.

Minha imaginação sempre foi muito fértil e isso refletia em minhas brincadeiras, sozinha ou acompanhada das outras crianças da rua, eu brincava de pega-pega, roda, casinha, de boneca, subia e descia das árvores, esconde-esconde, elefantinho colorido, vôlei, bets, a noite nos juntávamos para contar histórias de terror. Por todas essas coisas vividas que considero que minha infância foi muito feliz, quase nem me lembro das dificuldades que passamos pois considero que minha infância foi vivida intensamente.

## **2.1 Período escolar**

Logo após completar seis anos de idade ingressei no meu primeiro ano no início de 1982, não passei pela educação infantil pois ainda não era obrigatória entrei direto no primeiro ano.

No primeiro dia minha mãe me acompanhou até a EEPG Prof. Raul Vieira Luz, esperou a chamada, me levou até a classe e foi embora. Minha professora D. Estela já era um nome bem conhecido pois quase todos da rua fizeram o primeiro ano com ela. Lembro-me das bolinhas, da chuvinha, e logo depois a apresentação do livro mais lindo que já vi, meu sonho, minha cartilha Caminho Suave.



Figura 02 – Escola Municipal Prof. Raul Vieira Luz - Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2FRaulVieiraLuz%2F&psig=AOvVaw2y-4YHrK29bU6bB7uwFd24&ust=1634322069835000&source=images&cd=vfe&ved=0CAkQjRxqFwoTCLilmKjCyyMCFQAAAAAdAAAAABAD> Acesso em outubro de 2021

Eu aprendia a escrever com letra cursiva (característica da aprendizagem através da cartilha “Caminho Suave”) e para ativar nossa memória a D. Estela usava alguns métodos, para a letra “a” por exemplo lembro dela falando “faz a mãozinha sobe, desce, fecha a bolinha e outra mãozinha”, o “e” “mãozinha uma laçadinha outra mãozinha” e assim foi quando tínhamos dificuldade ela conduzia nossa mão. Assim seguimos na cartilha desde o “barriga ba” até a “zabumba”.



Figura 03 – Capa Cartilha Caminho Suave Fonte:

<https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.catalogodasartes.com.br%2Fobra%2FDPUcezB%2F&psig=AOvVaw2j4AwFIWdiCEMUg78BICyP&ust=1634321466414000&source=images&cd=vfe&ved=0CAkQjRxqFwoTCPDz1IbAyyMCFQAAAAAdAAAAABbh> Acesso em outubro de 2021.

O primeiro ano consegui minha aprovação, porém no segundo ano tive muita dificuldade e fiquei retida, foi muito ruim ter que fazer novamente o segundo ano, mas foi um aprendizado também. Nos anos seguintes me esforcei bastante para que pudesse ser aprovada e assim em diante foi seguindo até a oitava série na mesma E.E.P.G. Prof. Raul Vieira Luz.

A partir do sexto ano passei a estudar a noite, antes disso trabalhava de manhã e estudava a tarde, e partir da sexta série já não dava mais para trabalhar só meio período então passei a estudar a noite para que pudesse ajudar um pouco mais meu pai com as despesas domésticas.

Trabalhar o dia todo e estudar a noite exigiu de mim um grande sacrifício, pois eu trabalhava como empregada doméstica tinha a responsabilidade de limpar a casa, lavar e passar a roupa, e as vezes de cozinhar, e ainda ter disposição para assistir aula a noite. Era muita responsabilidade para uma criança.

O que marca muito minha infância na escola a princípio são as brincadeiras de roda, até hoje meus olhos brilham quando me recordo no pátio aquela roda enorme e a gente cantando “ciranda cirandinha”, a D. Estela nos ensinando a cantar “os pintinhos fazem pio, pio, pio” nos anos ginasiais da quinta a oitava série as aulas de Educação Física da d. Kaká, os campeonatos de vôlei disputados entre as escolas da minha cidade, tudo isso me marcou demais e me fez sempre querer estudar.

Terminada a oitava série fui trabalhar como empregada doméstica na cidade de Ribeirão Preto e algo que estava totalmente ligado à minha ida para aquela cidade era o fato de continuar estudando, o que graças a Deus não foi impedimento para que eu pudesse ir trabalhar lá, então foi em Ribeirão Preto que cursei o primeiro e segundo colegial.

No final de 1992 retornei a Monte Aprazível, e em dezembro de 1993 me formei no terceiro colegial da EEPSG Capitão Porfirio de Alcantara Pimentel.



Figura 04 EE Capitão Porfirio de Pimentel – Fonte:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/83/Monte\\_Apraz%C3%ADvel\\_-\\_E.E.\\_Cap.\\_Porf%C3%ADrio\\_de\\_Alc%C3%A2ntara\\_Pimentel\\_-\\_panoramio.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/83/Monte_Apraz%C3%ADvel_-_E.E._Cap._Porf%C3%ADrio_de_Alc%C3%A2ntara_Pimentel_-_panoramio.jpg)

Acesso em outubro de 2021

A partir daí houve um rompimento em minha vida escolar, casei-me, engravidei, e minha primeira filha Gabriela, nasceu em outubro de 1994.

Mudei com minha família para Votuporanga onde no ano 2000 ingressei no Centro Universitário de Votuporanga tentando uma graduação em Fisioterapia.

Esta foi uma etapa de muitas provações na minha vida, meu marido que já tinha uma doença crônica piorou muito, nossa situação financeira já não me dava mais condições de manter as mensalidades em dia e isso fez com que eu abandonasse o curso.

Em maio de 2002 nascia minha segunda filha Vitória, e em novembro deste mesmo ano meu marido faleceu. Com a morte do meu marido tive vontade de voltar a estudar, e em 2004 tentei novamente uma graduação dessa vez em Letras no mesmo Centro Universitário que já tinha tentado a graduação em Fisioterapia e por motivos financeiros não consegui concluir.

Em 2007 me casei novamente e em abril de 2008 nascia minha terceira filha Júlia. Apesar de não ter sido concluído o curso de Letras me abriu a possibilidade de prestar concursos públicos. Foram várias tentativas, até que em 2017 fui convocada a trabalhar na Prefeitura de Votuporanga como Técnica em Educação, e logo que assumi minha vaga foi aberta a inscrição para o vestibular UFU curso de Pedagogia a distância, e não tive dúvidas agarrei com as duas mãos esta oportunidade me inscrevi e fui aprovada no Vestibular e aqui estou terminado o curso.

## **2.2 Experiência profissional:**

Com 3 filhas e uma vida financeira conturbada voltei ao mercado de trabalho. Tendo como primeira experiência nessa volta uma padaria onde trabalhava como salgadeira. Fiquei nesse emprego apenas 6 meses.

Como não podia ficar sem trabalho logo após pedir demissão desse emprego fui à procura de outro. No dia que terminou meu aviso prévio da padaria já fui trabalhar em uma sorveteria muito famosa aqui em Votuporanga “O sorvetão” lá fiquei por dois anos e meio. Por motivos particulares saí de lá, em fevereiro de 2013 mudei-me pra Fernandópolis, cidade vizinha de Votuporanga. Mas em outubro do mesmo ano retornei a Votuporanga onde comecei trabalhar em uma fábrica de xampu. Permaneci lá até dezembro de 2015.

Em 2016 passei por pelo menos 3 empregos, de janeiro a março trabalhei no comércio, setembro e outubro em um frigorífico avícola e a partir de novembro como promotora de vendas em um supermercado da cidade.

Continuei como promotora de vendas até agosto de 2017 que foi quando saiu minha convocação para trabalhar na prefeitura de Votuporanga.

Durante todo esse período eu prestava todos os concursos possíveis, e aconteceu algo incomum fui convocada por dois concursos no mesmo dia, podendo escolher entre a área da Saúde ou da Educação. Escolhi a educação.

Minha experiência profissional com o ensino infantil tem início em agosto de 2017 com a convocação de um concurso público. Fui convocada para trabalhar no CEMEI Valter Peresi que atende crianças a partir do terceiro mês de vida até a idade de quatro anos. A nomenclatura para o cargo a qual fui convocada é o de Técnico em Educação.



Figura 05 - CEMEI Valter Peresi <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Ffotos>. Acesso em outubro de 2021

No município de Votuporanga o cargo técnico de educação trabalha diretamente com o educador em sala de aula, auxiliando-o em todas as atividades e tarefas efetuadas durante o período em que a criança está na escola.

De início trabalhei com crianças de 3 a 4 anos no contraturno, auxiliando as educadoras na realização de atividades pedagógicas, assim como no momento do banho e alimentação. Por 2 anos trabalhei no contraturno. E no ano de 2020 fui atribuída a uma turma de berçário I e agora, estou com a turma de berçário II.



Desde o princípio me senti apaixonada pela educação infantil. Uma das coisas que marcaram minha profissão foi a admiração que tive logo de início pelas minhas colegas de trabalho. Fiquei de certa forma impressionada pelo profissionalismo e respeito com que elas tratavam as crianças. Isso me fez ter certeza de que era essa profissão que queria para mim.

Outro fato que me marcou muito foi quando em 2019 trabalhando no contraturno tivemos uma criança com dificuldades de aprendizagem. Eu e a educadora que trabalhava comigo decidimos no fim do ano fazer uma apresentação com as crianças, acabei me apegando demais a essa criança com dificuldades, e no dia da apresentação ela chorava muito acho que pelo barulho ou algo assim, me lembro de ter chegado até ela e dito algumas palavras, ela parou de chorar, em seguida peguei na mão dela e fomos junto dançar a música que tínhamos ensaiado, ela dançou certinho, ficou perfeita a apresentação das crianças me emocionou só de lembrar desse dia. A partir daí tive certeza de que minha vocação é a Educação Infantil.

Desde que comecei trabalhar na educação sempre busquei minha profissionalização, não só pela questão de melhoria do salário, mas também pela minha realização profissional, pois é frustrante ver o meu trabalho não sendo reconhecido por falta de uma formação, e hoje posso ver com clareza o quanto essa formação é importante pois, nos dá base teórica para que a prática docente se torne realmente efetiva e fazendo com que o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança seja de fato concretizado.

### **2.3 Motivos que me levaram a escolher o curso**

O principal motivo que me fez escolher o curso de Pedagogia foi o fato de já estar trabalhando em um CEMEI. A observação do que já é meu dia-dia, e o fato de já estar integrada em um ambiente escolar exige de mim uma maior profissionalização assim como a busca pela melhoria salarial, me incentiva a buscar a formação que me capacita para realização de meu trabalho. O fato de escolher um curso EaD foi pelo motivo de todos, a possibilidade de poder estudar em casa, com horário flexível.

### **2.4 Reflexão crítica sobre minha atuação no curso, avanços e progressos.**

Para começar uma reflexão crítica sobre minha atuação no curso de Pedagogia tomo como base meu ingresso no curso, antes de ingressar em um curso de graduação a

distância tinha a ideia errônea de que um curso a distância não exigia muito empenho pela parte do estudante.

Logo de início percebi que isso não era verdade, e notei que seria necessário o engajamento total de minha parte, no estudo dos textos dados pelos professores e no estudo das teorias e práticas educacionais. Tive grande dificuldade em lidar com as ferramentas da tecnologia, pois não tenho muito conhecimento na área da informática e dos recursos e programas utilizados, com o andar do curso alguns deles foram se resolvendo, porém ainda hoje existem ferramentas em que necessito de ajuda.

Minha caminhada durante o curso foi bem intensa, percebi no decorrer do curso disciplinas que me identifiquei muito e outras que nem tanto, mas tenho consciência de que se estão na grade curricular é porque são importantes para minha formação. Textos sobre história da educação, a concepção de infância, a forma como as leis educacionais foram criadas e toda a luta constituída para que a educação se torne prioridade em nosso país me fascinam. Vejo que meus conceitos mudaram no decorrer do curso, percebi que a questão social, está diretamente ligada a educação que em nosso país é sempre deixada em segundo plano, pois a educação a formação em si faz do cidadão um ser consciente de seus direitos capacitando-o por lutar pela melhoria na constituição de sua própria história.

## **2.5 O que me motiva a trabalhar nessa área**

Sendo assim o que mais me motiva a trabalhar nessa área é saber que é a educação que forma o cidadão crítico e consciente de seus direitos e o torna apto a lutar por uma condição de vida melhor para todos, tendo em vista o bem coletivo. Um autor que me marcou muito foi Vygotsky, e a teoria de aprendizagem onde pudemos entender como se dá o processo de aprendizagem na criança. Com tudo isso sinto-me motivada em perceber o desenvolvimento de uma criança e contribuir para que esse desenvolvimento seja saudável e completo principalmente na parte cognitiva.

## **2.6 Aspectos a destacar e aprofundar**

O que pretendo me aprofundar, e o que marcou meu processo de formação é a questão de infância os métodos de alfabetização, toda a evolução ocorrida desde o meu processo de alfabetização que se deu através da cartilha Caminho Suave chegando ao

momento da minha formação em um curso totalmente on-line, as mudanças ocorridas nesses quarenta anos, a história da educação como ela se constituiu nesse período e como a concepção de infância mudou desde a minha alfabetização.

## **2.7 Desafios enfrentados durante o curso**

O maior desafio enfrentado por mim durante o curso foi a adaptação ao curso em si, o compromisso e a disciplina exigido, manter um horário para me dedicar ao estudo todos os dias foi complicado e procrastinei o máximo que pude. A entrega de trabalhos foi no prazo máximo. Outro problema foi a questão de que apesar de ser um curso a distância e termos todos os textos para análise, sempre necessitei do texto impresso para a realização dos trabalhos, além disso a já citada dificuldade com questões relacionadas a informática como programas e seus recursos que muitas vezes tive dificuldade em lidar. O que sempre me auxiliou nesses momentos foi principalmente a presença, assistência, incentivo e insistência de minha tutora ao qual eu buscava nos momentos de maior dificuldade.

## **2.8 Os diferentes temas discutidos no seu processo de formação**

Durante todo o processo de formação foram discutidos temas como concepção de infância, como a infância foi vista desde os primórdios e como essa concepção mudou com o decorrer do tempo, o trabalho docente, a gestão democrática, discussões sobre como surgiram e como foram implementadas as leis de diretrizes e base além da BNCC e também como tudo isso está diretamente ligada a questões políticas, e como a mudança de governo influencia em decisões relacionadas a educação, foi discutido também teorias da educação e seu vários autores e como essas teorias foram fundamentadas através da prática docente, que deve ter como base as vivências do aluno estando ligada a sua realidade e ao contexto social na qual ele está inserido assim constituição e desenvolvimento do PPP deve estar diretamente ligado a um processo democrático e também de como é importante ter conhecimento do entorno na qual a escola que trabalhamos está inserida pois a questão social nos mostra o que determinada população necessita no que se refere a questão educacional.

A grande lição que aprendi durante todo meu processo de aprendizagem, e que contribui e irá continuar contribuindo para minha formação como profissional é que

todos temos uma história e que o aprendizado escolar não deve ser desarticulado daquilo que já vivenciamos em nossas vidas, a questão da empatia também está diretamente ligada ao êxito na profissão docente, pois o colocar-se no lugar do outro nos faz sentir qual a necessidade do nosso aluno e isso contribui para que nossa prática seja de fato efetiva e apresente o resultado esperado.



Figura 06 – Instrumento musical do pai de Dulcelene.

Esta foto é uma homenagem a meu pai que faleceu em 10 de abril de 2018, antes de falecer me felicitou e disse que se sentia feliz por eu estar cursando Pedagogia.

### **3. Métodos de alfabetização as Cartilhas<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Esta seção do memorial foi construída em parceria com a colega de curso Dulcelene.

Antes de nos aprofundarmos na história da cartilha Caminho Suave, daremos uma introdução sobre cartilhas e como foi o processo histórico da alfabetização no Brasil. É importante mencionar que não há muitas pesquisas sobre as cartilhas em geral e sobre o ponto de vista histórico da alfabetização no Brasil.

No Brasil, são recentes as pesquisas sobre a alfabetização, cujo enfoque seja o do tipo de abordagem histórica. A pesquisa de Soares (1991), *Alfabetização no Brasil, o Estado do Conhecimento*, em que a autora analisa as teses e dissertações produzidas no país, cujo tema seja a alfabetização de crianças aponta-nos essa lacuna. De um total de 208 teses e dissertações analisadas, até o ano de 1990, apenas uma pesquisa usou como metodologia a abordagem histórica<sup>1</sup>. A ausência de pesquisas históricas na alfabetização nos leva a considerar que a produção acadêmica esteja mais voltada para a aplicação imediata, visando à denúncia e/ou intervenção da realidade, o que não deixa de ser uma postura plausível diante dos baixos níveis de alfabetização no Brasil. (MACIEL, 2002, p.148)

De início não podemos deixar de mencionar o significado da palavra cartilha:

Inicialmente é importante fazer uma abordagem etimológica da palavra Cartilha. Para Houaiss (2001) etimologicamente *carta + ilha* designa um *pequeno caderno que contém as letras do alfabeto e os primeiros rudimentos para aprender a ler, carta do abc*. De acordo com o dicionarista Caldas Aulete *Cartilha: s.f. diminutivo de carta, livro ou carta para ensinar a ler, compendiozinho de doutrina cristã*. O verbete sugere-me a procura do significado de *Carta: s.j. carta de nomes ou simplesmente carta, livro ou coleção de abecedários em diferentes caracteres e de palavras soltas para o ensino da leitura, cartilha*. No dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda a definição de Cartilha é restrita: *livro para aprender a ler*, tal como ocorre no dicionário ilustrado de KooganIHouais (1998:3<sup>a</sup> ed) *livro para ensinar a ler*. (MACIEL, 2002, p.149).

A história das cartilhas no Brasil começa no final do século XVI, entretanto, são esparsas as informações sobre o material didático destinado a alfabetização da população brasileira entre os séculos XVI e século XVIII. Essa lacuna pode, em parte, ser explicada pelo alto índice de analfabetismo no país. Podemos considerar também que:

No início do século XIX, no Brasil, os manuais usados para ensinar a ler e escrever eram importados de Portugal, pois até o ano de 1808, não era permitida a publicação de livros nacionais.

Os professores confeccionavam o seu próprio material para alfabetizar e usavam também cartilhas portuguesas como: *O expositor português* e a *Cartilha Maternal*, tendo sido esta última produzida pelo poeta português João de Deus. (SCHEFFER, FREITAS E ARAÚJO, 2007)

Em 1877, foi criado o Método Bacadafá, método pedagógico para o ensino de leitura e escrita, proposto e utilizado por alguns professores das escolas públicas primárias na Corte imperial. Na década de 1880, foi produzida a Cartilha Nacional de Hilário Ribeiro que propunha um trabalho simultâneo da leitura e da escrita e o ensino do valor fônico das letras para o aprendizado da leitura.

Como aponta Mortatti (2000), a fonética, desde o meio do século XIX, passou a ajudar no estudo biológico da linguagem, enfatizando os aspectos físicos e fisiológicos da produção humana da fala, para além dos processos de estrutura e de gramática da língua falada e escrita, e, também dessa forma aplicou-se métodos pedagógicos de ensinamento da leitura e da escrita. Não deixa dúvidas de que o Bacadafá era um método de leitura que envolvia o processo de apreensão das ideias representadas pelas letras e pelas palavras, a partir da síntese, e que demandava ênfase na educação simultânea de ver e de ouvir. Neste aspecto, o método de Aguiar não era muito diferente dos outros métodos de soletração/silabação usados nas escolas primárias, mais conhecidos como sintéticos (MACIEL, 2002).



Figura 07: Método Bacadafá Fonte: revistas.ufpr.br

Uma nova concepção de criança – de caráter psicológico – passa a embasar a discussão sobre o método de ensino da leitura (e da escrita). A partir de então, observa-se um movimento de institucionalização do método analítico, que se consolida com a publicação das Instruções práticas para o ensino da leitura pelo método analítico – modelos de lições, expedidas pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, em 1915. Nesse documento passa-se a priorizar a historieta (conjunto de frases relacionadas entre si por meio de nexos lógicos), como núcleo de sentido e ponto de partida para o ensino da leitura, enfatizando-se as funções instrumentais desse ensino, surgindo assim o *Meu primeiro livro de leitura* de Felisberto de Carvalho que foi utilizado até 1934.



Figura 08: Meu Primeiro Livro de Leitura. Fonte: LEMAD-USP

A partir de 1940, pela Livraria Francisco Alves, e a partir dos anos 50 passa a ser editado pela Editora do Brasil S.A. *O Livro de Lili* foi produzido pela autora como uma atividade da cadeira de Metodologia de Língua Pátria, sob a orientação da professora Lucia Casasanta. *O Livro de Lili* apresenta algumas especificidades em relação a maioria dos materiais produzidos na época, é um dos primeiros materiais didáticos que apresenta o manual do professor, em um volume, separado do livro do aluno, sobre esse aspecto iremos detalhar em nossa análise, além disso o material didático é acompanhado de materiais suplementares como cartazes para uso do professor em sala de aula.





Figura 09: O Livro de Lili. Fonte: traca.com.br

Seguindo uma linha do tempo, após o Livro de Lili, temos em 1948 a Cartilha Caminho Suave, a qual dedicaremos um capítulo à parte. Portanto neste momento faremos um breve relato sobre a cartilha Upa Cavalinho.

A cartilha *Upa, Cavalinho!* é de 1957, e foi o último volume da série da coleção Pedrinho a ser editada. No ano de 1970, a cartilha deixa de ser publicada, entretanto, nesses treze anos em que a cartilha foi publicada sempre pela Editora Melhoramentos, foi um sucesso editorial, faz parte de uma série de livros de leitura graduada, cujo nome da coleção é Pedrinho. Tinha o intuito de nortear os passos iniciais do processo de alfabetização da criança. A tiragem total da cartilha foi de mais de dois milhões de exemplares, até a 12ª edição, que foi publicada em 1970, seu sucesso editorial permite considerá-la uma peça importante e necessária ao conjunto da obra do autor.

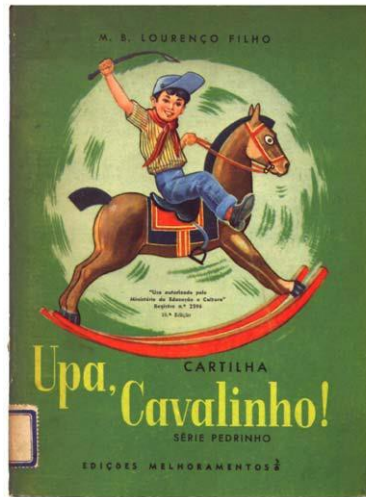
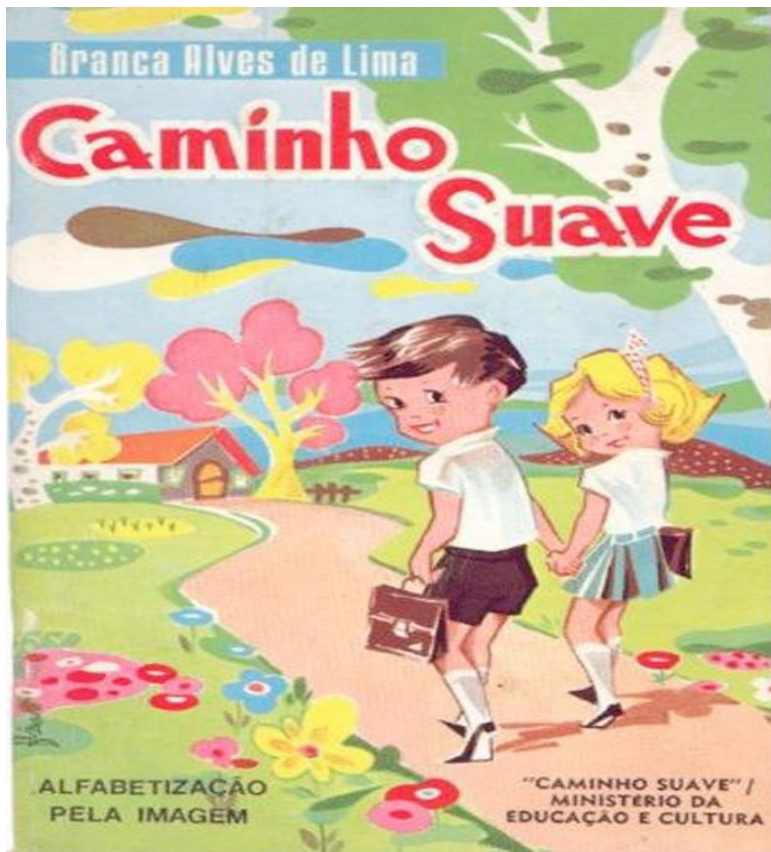


Figura 10: Upa, Cavalinho! Fonte: pedagogiaaopedaletra.com

E assim chegamos à cartilha Caminho Suave, de Branca Alves de Lima, que foi publicada inicialmente em 1948, como dissemos acima publicação anterior a Upa, Cavalinho!

### 3.1 A cartilha Caminho Suave



Em 1948, havia no Brasil, a predominância dos grupos escolares com seu espaço sendo organizado de forma que se adequasse ao discurso de uma pedagogia moderna através do método indutivo. Havia também neste período o desejo de formar bons cidadãos e que estes estivessem comprometidos com a pátria, portanto havia a tendência de se inculcar princípios cívicos patrióticos nos alunos, é diante deste cenário político que surge a Cartilha Caminho Suave.

A primeira edição da cartilha Caminho Suave aconteceu em 1948, e foi editada até meados dos anos 90. Considerada um símbolo da alfabetização tradicional no país, priorizava o método de ensino através da imagem. Estudos revelam que entre primeira edição em 1948 até a edição de 1971 não sofreu alterações.

Segundo Maria do Rosario Magnani já em 1948, portanto a partir da primeira edição foi aprovada pela Comissão Nacional do Livro Didático e isso fez com que o custo com a editoração diminuísse o que pode ter ocasionado o grande sucesso aceitação em todo território brasileiro. Com o convenio firmado com o Instituto Nacional do Livro, garantiu a distribuição gratuita nas escolas brasileiras.

Sua autora Branca Alves de Lima formou-se no curso Normal em 1929, e lecionou a princípio em escolas rurais do interior do estado de São Paulo, por fim atuou como professora no grupo Escolar Romão Puiggari no bairro do Braz cidade de São Paulo.

A partir de sua experiência profissional Branca viu a necessidade de criar um método de ensino na qual envolvesse o aluno de forma construtivista, com isso desenvolveu o método de ensino através da imagem preconizado na cartilha Caminho Suave.

Em pouco tempo a cartilha tornou-se um sucesso editorial. E isso fez com que a escritora juntamente com sua família criasse uma editora a fim de publicar e divulgar exclusivamente o método desenvolvido por ela.

Através do artigo “*Caminho Suave, um estudo sobre as orientações para aplicação do método de alfabetização pela imagem*” (CARVALHO, p.191), temos conhecimento de que a arte na cartilha teve a colaboração da irmã de Branca, d. Henriqueta que era quem desenhava os esboços de modo detalhista, com isso quando chegavam ao desenhista era necessário apenas alguns ajustes. Todos os desenhos eram

organizados de forma a associar as letras as imagens, por isso havia uma preocupação excessiva da autora com relação aos desenhos (LIMA,1965 p3).

Este método de alfabetização fazia com que o professor passasse a considerar o aprendizado da leitura numa sequência gradativa e sistemática de conhecimentos (LIMA, 1982) e para que o professor obtivesse sucesso no ensinar a ler e escrever existia um caminho a ser percorrido e este caminho deveria se suave.

A Cartilha Caminho Suave se contrapunha aos métodos de alfabetização até então conhecidos, trazendo lições sistematizadas e propondo um novo método de ensinar a ler e escrever, onde se estabelecia uma relação entre a sílaba inicial de cada palavra a um desenho chave que possibilitava a criança uma livre associação entre imagem, grafia e som da sílaba, podemos ver na cartilha a letra “A” no corpo de uma abelha o “E” na tromba do elefante, assim neste método o “desenho chave” e a letra a ser aprendida se misturavam na imagem e isso provoca a associação entre o sinal gráfico e o desenho. As palavras-chave eram escolhidas de maneira minuciosa terminando sempre com a letra A, pois, segundo a autora isso facilitava o aprendizado tornando-o mais agradável e rápido.

Consiste esse processo em relacionar a sílaba inicial de cada vocábulo com um “desenho chave”. Quando a criança vê escrita determinada sílaba ou letra, imediatamente associa os sinais gráficos que a representam à imagem do desenho a que está ligada, acordando na ideia o som correspondente. Cada desenho excita energicamente o interesse, é poderoso apoio à memória. (LIMA, 1954 *apud* MORTATTI, 2000a, p 208).

Ainda segundo a autora as palavras tema escolhidas eram palavras comuns e que faziam parte do vocábulo das crianças desta maneira facilitaria a elaboração de deduções, e tudo isso é justificado pelo fato de que o vocabulário básico diminui a dificuldade de exprimir o pensamento e auxilia no atendimento a alunos com dificuldades de aprendizagem, favorecendo o aspecto imperativo do ato da leitura, devido a maior facilidade na discriminação de uma palavra do que uma oração.

Ao destacar uma sílaba sobrepondo-a a uma imagem, além de completar a alfabetização pela imagem aplicava-se também o método analítico sintético (misto) partindo da palavra. O método sintético partia “das partes para o todo” tomando como objetivo a leitura. Assim a cartilha Caminho Suave baseava-se na associação de letras

ao seu nome somando a isso uma imagem que representasse a letra a ser estudada.

Seguindo a ordem alfabética as lições têm início com as vogais onde são combinadas em encontros vocálicos, daí pra frente são feitas combinações simples entre consoante e vogal, continuando a inserir encontros consonantais e dígrafos. Após reunir letras em sílabas e conhecer as famílias silábicas ensinava a ler palavras formadas com elas, sílabas e letras e logo após frases isoladas ou agrupadas sem sentido.

A cartilha Caminho Suave possui temas e personagens que se relacionam sendo que o tema é a palavra-chave de cada lição, porém não há preocupação de que seja uma história geradora e sequencial.

Com uma sequência simples trazia exercícios que se restringiam a cópias, feitas sempre em letras cursivas. Críticos dizem que a cartilha traz implícito que a alfabetização envolve um processo mecânico que é o reconhecimento de símbolos gráficos e o psicológico que é o desenvolvimento de habilidades e compreensão da leitura. As críticas relacionadas a este método de alfabetização nos remetem ao fato de que para a autora, no processo de alfabetização a escrita não é vista como agregada a aprendizagem da leitura isso se evidencia nos exercícios propostos, pois, tratam-se de mera cópia das palavras estudadas, e que, pelos pressupostos teóricos metodológicos na efetivação da prática pedagógica, o material apresenta incoerências, e apesar da autora denominar o método de Alfabetização pela imagem em uma análise mais acurada pode-se concluir que pela organização estrutural ele está mais coerente com os princípios do método silábico.

Como dito anteriormente a partir de 1971 foram feitas algumas atualizações editoriais na cartilha, o motivo dessas atualizações foi o fato de haver uma ascensão didática fundamentada no método global de alfabetização com isso as vendas da cartilha tiveram uma grande queda, e em 1996 a cartilha foi excluída do Programa Nacional do Livro Didático, terminando assim um ciclo.

A cartilha Caminho suave foi uma marca na alfabetização em nosso país, ela é amada por alguns e criticada por outros, porém não podemos negar o protagonismo dela nas salas de aula durante décadas, muitos professores alfabetizadores fizeram uso sequencial, não só da cartilha como também do material de apoio disponibilizado pela editora. A grande questão que fica em aberto é o motivo pela aceitação maciça pois,

existem muitos questionamentos a respeito do método empregado nela, e dizer que é um material na qual entregava ao professor o conteúdo já “mastigado” é desvalorizar a atuação do professor, e não levar em conta o histórico dessa profissão tendo em vista que foram eles que criaram as cartas do ABC.

### 3.2 Branca Alves Lima

Nascida em 1911, faleceu aos noventa anos de idade e se fez eterna na mente de todos àqueles que são do meio e que se interessam por educação. Mulher de origem humilde deu início em sua carreira de professora e educadora na década de 30, no interior de São Paulo. Na época, tempos difíceis, ela ensinava por meio da alfabetização analítica, ao qual seguia o modelo proposto pela ‘moda’ do momento.

De origem portuguesa, a mãe, Maria Isaura, nasceu na pequena freguesia portuguesa de Santo António da Serra na Ilha da Madeira, no final do século XIX. Filha de agricultores lusitanos, casou-se aos vinte e um anos, com Manoel, nascido na cidade paulista oitocentista de Tietê, no ano de 1883. Sobre a origem dos pais de Manoel, a obra de Moraes registrou dados da família Silveira e Alves de Lima em São Paulo a partir do final do século XVIII e século XIX. Maria Isaura parece ter vindo de Portugal para contrair matrimônio com Manoel, em seguida, mudaram para São Paulo, na região do Brás, onde nasceu Branca, mais tarde foram viver na região de Ipiranga e depois Fagundes, lugares procurados pela elite paulista na primeira metade do século XX. (VALDEZ, 2018, p.65)



Figura 11: Branca Alves de Lima. Fonte: Revista Brasileira de Educação

A educadora formou-se na Escola Normal do Braz (atual Escola Estadual Padre Anchieta), em 1929, e lecionou por quinze anos no ensino fundamental I, com extraordinários resultados. Publicou, em 1948, a Cartilha Caminho Suave, com a

intenção de contribuir “para a extinção do analfabetismo em nossa Pátria”. A cartilha foi um fenômeno editorial. Mais de 48 milhões dos brasileiros adultos foram alfabetizados com ela.

Sobre os pais e a família da autora, há dados na obra *Biblioteca de Genealogia Brasileira*, organizada por Moraes, em 1969, na qual registra a linhagem das famílias Paulista. Assim os pais são apresentados:

Manoel Silveira Alves de Lima, n. em Tietê a 15-9-1883, contabilista, diplomado pelo Instituto Brasileiro de Ensino, casou-se em 16-10-1909, com Maria Isaura de Freitas Lima, n. a 21-1-1888, em Santo Antônio da Serra, cidade de Funchal, na Ilha da Madeira, filha de Joaquim Vieira, agricultor, e de Joanna de Freitas Vieira, naturais da Ilha da Madeira (...): (MORAES, 1969, p. 315-316)

Com o diploma de normalista em mãos, aos dezenove anos, Branca iniciou sua jornada em escolas no interior de São Paulo. Em entrevista, no ano de 1991, registrou que iniciou sua carreira como professora em uma escola rural de Jaboticabal, pois naquela época, segundo ela, no início da carreira era preciso lecionar, no mínimo, um ano na zona rural e aprovar, alfabetizando, no mínimo quinze alunos, para depois poder dar aulas em uma classe de uma boa escola urbana. Aparentemente, Branca passou bem mais que o tempo mínimo exigido. A mesma matéria registrou que deu aulas em vários grupos escolares no interior do estado e que se preocupava com a dificuldade dos alunos em aprender a ler, o que ocasionava um índice elevado de reprovação. No ano de 1936, com vinte e cinco anos, a jovem professora lecionava em um grupo escolar de São José do Rio Preto, onde iniciou experiências de alfabetização com imagens associadas às sílabas, obtendo bons resultados. No entanto, registrou:

Mas a alegria nunca está só. Quando lecionava num grupo rural de São João da Boa Vista, também com ótimos resultados, fui censurada, um dia, pelo inspetor. Entrou na minha sala de aula, viu umas gravuras no quadro-negro e me chamou a atenção: “Você está ensinando pelo método de silabação”. Fiquei triste. Foi um dia de choradeira. Mas no fim do ano – acrescenta – o inspetor do grupo viu os resultados dos exames e me chamou de novo, para dar a mão à palmatória. (*O Estado de São Paulo*, 20 de agosto de 1967, p. 19).

Branca afirmou que começou a desenvolver sua Cartilha a partir das experiências no interior. Em suas entrevistas, investiu na defesa de seu método, justificando-o com sua experiência de alfabetizadora e seu desejo de contribuir com o ensino da escrita e da leitura. Após vinte e oito anos de trabalho no magistério, em sala de aula, pois não há indícios que tenha ocupado outros cargos na educação, Branca se

aposentou. Branca iniciou sua carreira de professora de escola pública no início dos anos 1930, finalizou em fins dos anos 1950, quando assumiu o lugar de autora e proprietária de uma editora.

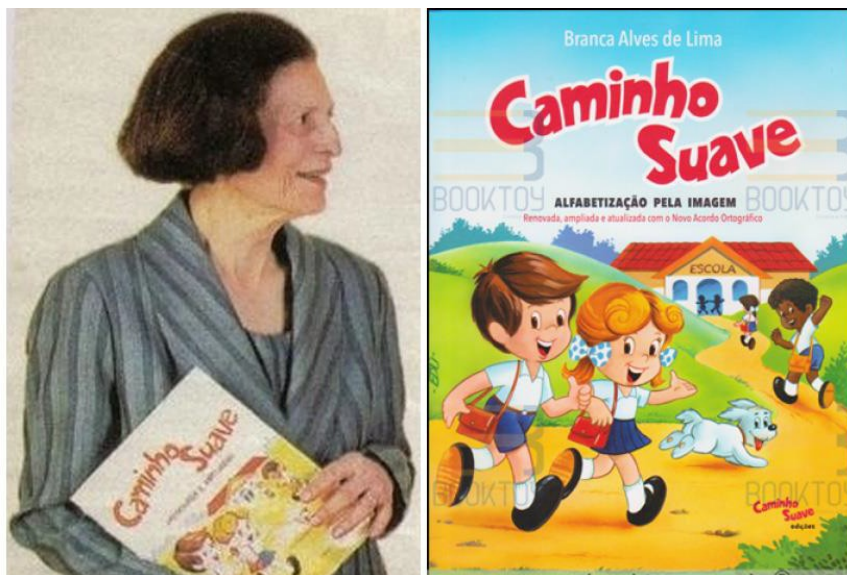


Figura 12: Branca Alves de Lima e a Cartilha Caminho Suave. Fonte: Jornal Folha do Povo

Segundo a própria Branca, o incentivo de abrir uma própria editora veio da família, do pai, de irmãs e irmãos. Cruzando as datas citadas, acredita-se que a editora iniciou no ano de 1950, quando a autora garantiu que começou a ganhar dinheiro após dois anos de prejuízo comercializando e divulgando a Cartilha por meios próprios. Sobre a distribuição gratuita das cartilhas, Branca seguiu a mesma deliberação de autores de livros escolares desde o século XIX: a maior propaganda era a distribuição gratuita das obras, que, em geral, garantia a aquisição posterior. (VALDEZ, 2018, p.75).

Branca morreu no dia 25 de janeiro de 2001, no Hospital Beneficência Portuguesa, em São Paulo, aos 91 anos. Segundo Neto (2017), Branca tinha câncer no pulmão e, depois que sua irmã Henriqueta faleceu, em meados de 2000, com quem tinha uma relação muito próxima, ela sentiu solidão, pois apesar de não morarem juntas eram vizinhas no mesmo condomínio e podiam se ver pela janela das casas. O falecimento de Dona Branca não mobilizou o mundo educativo e nem a imprensa.



#### 4. Considerações finais

Lembrar minha infância e o meu processo de alfabetização trouxe em mim um gostinho de nostalgia, relembrar minha infância, o primeiro dia de aula, e todo processo envolvido em minha aprendizagem fez com que eu voltasse ao tempo e me fez pensar em quantos amigos por conta das dificuldades acabaram por desistir de uma formação universitária.

Estudar como as Cartilhas chegaram ao Brasil, e como elas se fundamentaram como método de alfabetização foi gratificante. Durante as leituras saber que algumas professoras alfabetizadoras criavam suas próprias cartilhas, chamadas de Livro do A B C, me faz pensar em como professores se sacrificavam por seus alunos, e que como a profissão docente é desvalorizada.

Entender como a cartilha pela qual fui alfabetizada foi idealizada, e desenvolvida, por uma educadora que através das suas experiências como docente, cria um método de ensino que juntava uma imagem a sílaba a ser ensinada, a princípio de forma artesanal, tornou-se um *best seller* tendo sido um marco na história da alfabetização no Brasil, faz com que eu não sinta impulsionada a me acreditar na carreira docente.

Espero para minha vida que todo aprendizado e conhecimento adquirido com as teorias educacionais, juntamente com a prática docente me torne uma professora formadora de seres conscientes de seus direitos e que lutem para que a educação se concretize de fato em suas vidas, e para que através dela caminhemos juntos para que profissionais da educação sejam valorizados e que a educação se torne um direito de todos de fato tornando-se cada vez mais livre de preconceitos.

### Referências bibliográficas:

- MACIEL, Francisca. As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos. **Revista História da Educação**, Pelotas, p. 147-168, 2002.
- MORTATTI, Maria. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular. **Cadernos Cedes**, [s. l.], 2000.
- SCHEFFER, Ana; FREITAS, Rita; ARAÚJO, Viviam. Cartilhas: das cartas aos livros de alfabetização. 2007. **Tese (Mestrado em Educação)** - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora., [S. l.], 2007.
- MORTATTI, Maria. HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL. **Seminário "Alfabetização e letramento em debate"**, [s. l.], 2006.
- VALDEZ, D. (2018). Dona Branca Alves De Lima: Professora, Autora E Empresária. **Revista Brasileira De Alfabetização**, (7). <https://doi.org/10.47249/rba.2018.v0.249>
- SOUSA, M. G., & CABRAL, C. L. (2015). A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, 33(2). <https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.149>
- História Das Cartilhas De Alfabetização: As Mais Antigas. **Pedagogia ao Pé da Letra**, 2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/história-das-cartilhas-de-alfabetizacao-as-mais-antigas/>>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. Histórias e Memórias da Educação no Brasil, Vol III, ed Vozes, 2005.